

Criação de Bovinos de Corte no Estado do Pará



Embrapa

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Oriental
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

Criação de Bovinos de Corte no Estado do Pará

José Ferreira Teixeira Neto
Norton Amador da Costa

Editores-Técnicos

Belém, PA
2006

Mercado e Comercialização

Célio Armando Palheta Ferreira

Alfredo Kingo Oyama Homma

Norton Amador da Costa

Mercado

Dois fatores chamam atenção quando se estuda a pecuária de corte brasileira (Pinto et al. 1995). O primeiro refere-se à expressão numérica do rebanho nacional, estimado em cerca de 165 milhões de cabeças, em 2001, ocupando dessa forma o segundo lugar no *ranking* mundial, conforme dados da Tabela 1.

Segundo o IBGE (2003), o efetivo de rebanho bovino no Brasil, em 2002, era de 185.347 mil cabeças e no Pará, era de 12.190 mil cabeças. Já pelos dados da Agência de Defesa Agropecuária do Pará (Adepará) o Estado possuía, em 2003, um rebanho de 14.479 mil cabeças.

Embora ocupe lugar de destaque mundial, o Brasil não se sobressai como produtor de carne. Admite-se, no entanto, que as estatísticas oficiais não computam o abate em matadouros clandestinos que, na década de 1980, chegou a 30% do total de abates no País. Estimativas atuais indicam a redução desses números.

O segundo fator diz respeito à produtividade da pecuária no Brasil. Enquanto nos Estados Unidos, o boi chega aos frigoríficos para o abate com 18 meses de idade, pesando, em média, cerca de 325 kg (21,7 arrobas), o boi brasileiro vai para o abate com 3 anos de idade, pesando cerca de 187 kg (12,5 arrobas) (Tabela 2). O motivo é a produção intensiva, nos países desenvolvidos, e o uso de práticas tradicionais junto com um sistema de produção extensivo usado no Brasil.

Tabela 1. Efetivo do rebanho bovino e bubalino dos principais países produtores, 2001(*).

Países	Efetivo – 1000 cab.
Índia	320.200
Brasil	165.537
China	130.300
Estados Unidos	96.551
Argentina	50.572
Austrália	27.925
Rússia	25.230
Colômbia	23.757
México	21.296
França	19.976
Alemanha	14.497
Venezuela	13.500
Uruguai	10.423
Brasil - Região Norte	27.284
Pará	11.047

Fonte: Anualpec(2002) e IBGE (2003).

(*) Dados preliminares.

Segundo o IBGE (2003), o peso médio da carcaça no Brasil era 230 kg/animal, em setembro/2003. Na Região Norte, segundo a mesma fonte, o peso médio, em junho/2003 era 242 kg/animal e no Estado do Pará, era 243 kg/animal, acima, portanto, da média nacional.

As exportações brasileiras de carne bovina experimentaram aumentos anuais sucessivos desde 1995, quando a quantidade vendida ao exterior foi de 287 mil toneladas, chegando em 2001 a cerca de 789 mil toneladas, com incremento de 175% no período. Do total mundial, as exportações nacionais corresponderam a 14%, em 2001, sendo que o maior exportador é a Austrália, com 24%, vindo em 2º segundo lugar os Estados Unidos, com 18%, ficando o Brasil em 3º, a partir de 1999, quando ultrapassou o Canadá e a Nova Zelândia (Tabela 3).

Tabela 2. Produtividade média do rebanho bovino nos principais países produtores, 2001(*).

Países	Taxa de abate (%)	Peso médio carcaça (kg/animal)	Produção de carne (1000 t)
Índia	4	130	1.770
Brasil	22	187	6.930
China	32	134	5.600
Estados Unidos	38	325,5	11.955
Argentina	26	220	2.860
Austrália	31	232	2.000
Rússia	36	185	1.700
Colômbia	16	179	681
México	39	232	1.925
França	26	274	1.429
Alemanha	29	130	1.252
Venezuela	13	208	355
Uruguai	15	231	370

Fonte: Anualpec (2002).

(*) Dados preliminares

Tabela 3. Exportações mundiais de carne bovina, em mil toneladas, 1993-2001.

Principais países	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Austrália	1.169	1.168	1.059	979	1.134	1.205	1.263	1.329	1.345
Estados Unidos	578	731	826	851	969	985	1.096	1.141	1.020
Brasil	451	376	287	280	287	370	541	554	789
Canadá	216	255	256	334	400	448	515	547	560
Nova Zelândia	448	466	504	515	531	519	465	442	500
Índia	163	177	196	204	215	245	257	300	375
Outros	4.109	4.206	3.890	3.477	3.624	3.144	3.369	1.531	1.023
Total	7.134	7.379	7.018	6.640	7.160	6.916	7.506	5.844	5.612

Fonte: Anualpec (2002)

(*) Dados preliminares

Observa-se, pelos dados da Tabela 3, que as exportações mundiais de carne bovina vêm sofrendo sensível redução nos últimos 2 anos, chegando a ficar abaixo das quantidades exportadas no início da década de 1990, em termos globais. O motivo não é a queda da produção mundial, uma vez que esta se mantém no nível de 49,3 milhões de toneladas, em média anual desde 1993, mas sim, a redução drástica das exportações de países não-tradicionais e que constam da linha Outros da Tabela 3.

Em 2001, o consumo brasileiro de carne bovina foi de 89% da produção nacional. O consumo *per capita* foi 36,8 kg/habitante/ano, no Brasil, enquanto que no Paraguai foi 43 kg, nos Estados Unidos foi 44,4, no Uruguai 67,3 e na Argentina 73,0 (Anualpec, 2002). O que demonstra que o mercado brasileiro tem potencial para crescer, que ainda há demanda insatisfeita de carne no País e que a produção pode aumentar para atender a esse mercado, principalmente se o crescimento da oferta se refletir em redução do preço do produto internamente.

Há que se considerar dois tipos de escassez cíclica, quando se estuda o comportamento da oferta de carne bovina no Brasil: a da entressafra, que é estacional e ocorre dentro do ano, e a do próprio ciclo do gado, de caráter plurianual (Pinto et al. 1995).

A escassez da entressafra, provocada pela redução do abate na estação seca, é de duração relativamente curta e pode ser contornada com a política de estoques reguladores ou com a engorda de bovinos em confinamento. O confinamento e semiconfinamento podem perfeitamente atenuar tal sazonalidade de produção. Desse modo, as políticas públicas para o setor devem passar por constantes adequações para estimular e incentivar a produção de carne de qualidade, com preços baixos.

No entanto, a oferta de animais para o abate apresenta um comportamento cíclico por causa da oscilação dos preços do boi gordo. Ao observar tendências futuras declinantes do preço desse animal, o valor presente das matrizes cai, por não haver estímulo à sua manutenção. Com isso, intensificam-se as matanças de vacas, aumentando a oferta de carne e a conseqüente redução dos preços. O abate indiscriminado de matrizes compromete a produção de bezerros, a reposição de novilhas e a oferta futura de bois. Decorrido algum tempo, a falta de novilhas e bois gordos faz reduzirem os abates. Com isso, os preços da carne sobem, estimulando o aumento da produção e da oferta.

Comercialização

A importância que a pecuária representa atualmente para a economia do País e para as economias regionais pode ser observada na Tabela 4. A participação de cada elo da cadeia produtiva mostra como ela vem atuando no sentido de fortalecer as ligações intersetoriais visando consolidar a eficiência econômica da produção regional e nacional.

O crescimento 7,2% da pecuária foi significativo, porém o setor de insumos não pecuários foi mais beneficiado com essa expansão, pois teve um crescimento de renda da ordem de 12,5%, decorrente do aumento da participação do uso de insumos para a produção animal. Os setores industrial e de distribuição tiveram participação de 1,2% e 3,5%, respectivamente, corroborando a capacidade multiplicadora de renda da cadeia produtiva do agronegócio da pecuária.

Tabela 4. Participação do agronegócio da pecuária na composição do PIB do agronegócio brasileiro, em 2000 (R\$ milhões).

Empreendimentos	1999	2000
PECUÁRIA	90.756,2	95.447,2
• Insumos não-pecuários	5.518,6	6.208,2
• Pecuária (produção primária)	37.796,0	40.511,7
- Produção usada como insumo	5.519,0	5.915,6
- Produção vendida	32.277,0	34.596,1
INDÚSTRIA	15.985,2	16.171,5
DISTRIBUIÇÃO	31.456,4	32.555,7

Fonte: Amin (2002).

No Pará, o processo produtivo, em geral, é bastante artesanal, porém já mostra sinais de integração com a adaptação de curtumes e frigoríficos e a instalação de fábrica de calçados no Estado. No entanto, a visão sistêmica da cadeia produtiva, como existe em outras partes do País, ainda não foi internalizada pelo setor produtivo nem incorporada ao modelo de desenvolvimento do agronegócio da Região Norte.

O surto de doenças, como a vaca louca e focos de aftosa em animais na Europa e Ásia tem induzido os consumidores daquelas regiões a serem mais exigentes quanto à qualidade e procedência da carne. Essa questão tem se refletido positivamente na produção brasileira e no aumento das exportações de carne nos últimos meses.

A produção brasileira da pecuária de corte é desenvolvida em todas as regiões do País, sobressaindo-se a Região Centro-Oeste como a maior produtora, com cerca de 35% do efetivo nacional, em 2000, estimado em 169.875.524 cabeças, segundo IBGE (2003).

Após experimentar ligeira queda em 1996, o rebanho bovino nacional cresceu a taxas médias de 1,3% ao ano até 2000. A desaceleração do ritmo de crescimento da população humana, a queda do salário médio da população e o aumento do consumo de carnes alternativas foram determinantes para tão baixo crescimento. Ressalte-se que, entre os consumidores de classe média, a troca da carne bovina por um alimento substituto de preço inferior é pouco percebida na dieta alimentar. O que se observa é a complementaridade com frangos e peixes.

Em termos de evolução do efetivo do rebanho, entre os anos 1993 e 2000, a Região Norte apresentou o maior crescimento no período, com um incremento de 43,6%; a Região Centro-Oeste cresceu 14,3%; a Região Sul 2,2%; a Região Nordeste 0,2% e a Região Sudeste decresceu 2%. O crescimento das Regiões Norte e Centro-Oeste está entre os maiores do mundo.

A Região Norte possuía, em 2000, um rebanho de 24.517.612 cabeças, com o Pará despontando como o maior produtor, com 42% do total da região, seguido do Tocantins com 25% e de Rondônia com 23%. No período de 1997 a 2002, o rebanho paraense foi o que mais cresceu com 36%, enquanto que o de Rondônia cresceu 31% e o de Tocantins 15%.

Por Unidade da Federação, Mato Grosso do Sul é o que possui o maior efetivo, cerca de 13% do total nacional, vindo em seguida Minas Gerais com 12%, Mato Grosso com 11% e Goiás com 11%. O Pará está em 7º lugar nesse ranking, com 6% do efetivo nacional (Tabela 5).

Tabela 5. Rebanho, produção, consumo interno, exportações e principais produtores de carne bovina, Brasil, 1993 a 2000.

Discriminação	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Rebanho (milhões de cabeças)	155,1	158,2	161,2	158,3	161,4	163,2	164,6	169,9
Taxa de abate (%)	21,6	21,0	23,9	24,0	22,4	22,4	22,2	22,6
Produção de carne (1.000 t)	6.168	6.094	6.768	6.794	6.402	6.504	6.562	6.697
Consumo interno (1.000 t)	5.765	5.805	6.603	6.653	6.226	6.213	6.063	6.200
Consumo interno <i>per capita</i> (kg/ano)	38,2	38,0	42,6	42,4	38,9	38,1	36,4	36,5
Exportações (1.000 t)	451	376	287	280	287	370	541	554
Valor das exportações (US\$ 1.000)	572,900	555,556	473,652	430,628	428,112	572,829	761,941	755,180
Preço produtor, São Paulo (US\$/@)	20,9	26,0	26,2	22,8	24,4	23,8	18,6	21,9
Principais produtores (milhões de cabeças)								
- Mato Grosso do Sul	21,8	22,2	22,3	20,8	21,0	21,4	21,6	22,2
- Minas Gerais	21,0	20,7	20,1	20,1	20,4	20,5	20,1	20,0
- Mato Grosso	11,7	12,7	14,2	15,6	16,3	16,8	17,2	18,9
- Goiás	18,6	18,4	18,5	17,0	17,2	18,1	18,3	18,4
- Pará	7,4	7,5	8,1	6,8	7,5	8,3	8,9	10,3
Principais países importadores de carne brasileira (1.000 t)								
- Reino Unido	-	-	-	-	-	44,4	63,0	67,0
- Estados Unidos	-	-	-	-	-	31,2	47,1	37,4
- Países Baixos	-	-	-	-	-	22,4	32,5	28,6
- Itália	-	-	-	-	-	17,0	22,6	22,3

Fonte: Anualpec.(2002) e IBGE (2003)

A expansão da pecuária na Região Norte, na última década ocorreu pela: potencialidade da região; expansão da fronteira agrícola na Região Centro-Oeste do País; preços mais baixos da terra; incentivos fiscais e creditícios oferecidos pela Sudam e pelo Fundo Constitucional de Financiamento do Norte (FNO); dentre outros fatores.

Segundo Amim (2002), R\$ 3,9 bilhões foram aplicados na agropecuária da Região Norte pelo FNO, por intermédio do Banco da Amazônia S/A (Basa), no período de 1989 a 2000. Desses, o segmento de pecuária recebeu cerca de R\$ 1,4 bilhão, sendo R\$ 637 milhões para pecuária de corte e R\$ 687 milhões para pecuária de leite. O Pará foi o que mais recebeu recursos, com 47,45% do total, vindo em seguida Tocantins, com 24,85%.

No Pará, o rendimento médio do boi é de 52% de carcaça, sendo que destes, 70% são de carne aproveitável, 20% de ossos e 10% de gorduras e aparas. A produção de carne é de cerca de 1.820 toneladas de carcaça, sem considerar os abates clandestinos existentes em todo o Estado. Desses, 25% é consumido no próprio Estado e o restante exportado para a Região Nordeste (50%), onde o Ceará é o maior comprador, e para São Paulo, Rio de Janeiro e, em menor quantidade, Brasília e Belo Horizonte. A carne que vai para a Região Sudeste e Brasília é toda desossada, fato que já indica um certo grau de agregação de valor ao produto. Para exportar, os produtores paraenses necessitarão adequar sua produção aos padrões internacionais de qualidade, principalmente no que se refere aos níveis de sanidade dos animais.

Os impostos incidentes sobre o produto são: ICMS, 1,8% para vendas dentro do Estado do Pará e 12% para fora do Estado; PIS/Cofin/Faturamento, 3,65%.

No Pará estão em funcionamento 15 frigoríficos, com capacidade total instalada para abate de 7.000 bois/dia, distribuídos nos seguintes municípios: Paragominas (1), Castanhal (4), Redenção (1), Santana do Araguaia (1), Santarém (1), Xinguara (2), Marabá (2), Eldorado dos Carajás (1), Santa Izabel (1) e Belém (1). Os maiores frigoríficos estão instalados nos municípios do Sudeste Paraense. Estão em construção mais 5 frigoríficos, nos Municípios de Tucumã (2), Água Azul, Mãe do Rio e Altamira, com capacidade instalada total para abate de 1.500 bois/dia.

O abastecimento desses frigoríficos é feito pelas fazendas localizadas nas regiões próximas. A idade dos animais abatidos varia entre 3 e 4 anos, dos quais 90% deles são machos, que pesam, em média, 500 kg/vivo. As fêmeas, que constituem 10% do total, pesam cerca de 350 kg/vivo e são animais descartados do rebanho. O peso médio de carcaça de cada animal após o abate é de 17,5 arrobas/cabeça.

Um dos subprodutos mais importantes, comercializado pelos frigoríficos, é o couro. Atualmente, no Pará, existem 5 curtumes, sendo 3 em Belém, 1 em Conceição do Araguaia e 1 em Redenção, que processam cerca de 90.000 peças por mês, até o primeiro estádio, chamado de "wet blue". Desses, 3 estão fazendo adaptações para que possam processar o couro até o segundo estádio, que é semi-acabado e acabado. O governo estadual está estimulando essa prática, por agregar maior valor ao produto, reduzindo em 90% o ICMS para os produtos nessa fase. A alíquota atual do ICMS é de 12%.

A produção anual estimada de couro bovino é de 2 milhões de peças salgadas, sendo que 80% são comercializados como "wet blue". Toda a produção é vendida para outros Estados brasileiros e também para Portugal e Itália. Uma indústria de calçados estará entrando em funcionamento até final de 2002, em Castanhal-PA e deverá ser um consumidor do couro produzido nos curtumes paraenses.

O preço de venda do couro bovino pelo curtume é, em média, R\$ 3,35/kg. Para o aproveitamento melhor do couro, os abatedouros tiveram que adequar a maneira de corte durante a fase de retirada do couro do animal após o abate, para evitar ferir o produto em partes consideradas vitais para alcançar melhor preço no mercado.

Os 5 curtumes existentes no Estado geram de 250 a 330 empregos diretos. Com as adaptações que estão sendo realizadas em 3 deles, estima-se que esse número passe para 1.200 a 1.500.

O baixo nível de implementação tecnológica, a precária rede de transporte, a ausência de assistência técnica, o precário sistema de abate e industrialização e a falta de um rebanho geneticamente superior, são barreiras à competitividade da região.

Não se pode ignorar que o agronegócio é um importante gerador de renda e emprego. Sua contribuição para a economia do País representou, em 2000, cerca de R\$ 310 bilhões, sendo R\$ 214 bilhões provenientes do setor agrícola e R\$ 95 bilhões do setor pecuário (Amin, 2002). A sua importância para economia reside na grande diversidade de processos produtivos adotados para alcançar, por meio da modernização tecnológica, uma posição competitiva no mercado internacional.

A proximidade dos Estados da Amazônia com a parte norte da América do Sul aumenta a importância estratégica do setor. Porém, a sua importância econômica no contexto regional é viabilizada pelas políticas macroeconômicas adotadas pelo governo na região. A redução de incertezas e da burocracia oficial permitirá o fortalecimento e o aumento da confiança dos empreendedores em realizar ou aumentar investimentos futuros.

A disponibilidade de terra e mão-de-obra aptas para a exploração animal oferece excelente oportunidade para a alocação de recursos, possibilitando a agregação de mais valor aos produtos, tornando-os mais competitivos e lucrativos. Faltam melhorias na infra-estrutura regional e incorporação à cadeia produtiva de maior número de processos tecnologicamente inovadores, visando aumentar a produtividade e a redução de custos.

Referências Bibliográficas

AMIN, M.M. Situação da pecuária na Região Norte: tendências e perspectivas. In: SANTANA, A.C. de. (Coord.). **O Fundo Constitucional de Financiamento do Norte e o desenvolvimento da Amazônia**. Belém: BASA, 2002, p.475-591.

ANUALPEC. São Paulo: FNP Consultoria & Comércio, 2002.

IBGE. **Banco de Dados Agregados**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>> Acesso em : 9 maio 2003.

PINTO, W.S.; SANTANA, A.C. de; COSTA, R.M.Q. da; ALENCAR, M.I.R. de; MATTAR, P.N.; SOUZA, R.F. **Estudo exploratório da pecuária de corte no Brasil e na Amazônia**. Belém: BASA: FCAP, 1995, 27p. (BASA. Estudos Setoriais, 4).